Etnografias em Psicologia Social: notas sobre uma aproximação fecunda

Cris Fernández Andrada

AUTHOR'S NOTE

Este texto serviu-se dos estudos feitos por ocasião de duas disciplinas de pós-graduação: A dimensão cultural das práticas urbanas, ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani (FFLCH-USP) e O trabalho de campo na pesquisa qualitativa em Psicologia, ministrada pelas Profas. Dras. Leny Sato e Marilene Proença (IP-USP), em 2009 e 2010, respectivamente.

Somos lo que hacemos y sobre todo
lo que hacemos para cambiar lo que somos.
Eduardo Galeano

Introdução

1 Tomar em consideração feitos e movimentos humanos em dados tempo e espaço é tarefa abraçada por estudiosos das diversas áreas das Ciências Sociais – História, Geografia, Sociologia, Antropologia e Psicologia, por exemplo. De início e genericamente, referimo-nos ao que Minayo (2007) chama de pesquisas sociais: “[...] os vários tipos de investigação que tratam do ser humano em sociedade, de suas relações e instituições, de sua história e de sua produção simbólica” (Minayo, 2007. p. 47).

2 Como esta autora, consideramos que embora as Ciências Sociais tenham avançado e se diversificado muito no último século quanto aos temas que abordam e às teorias que abarcam, todas elas foram marcadas e continuam influenciadas pelas mesmas correntes de pensamento, inauguradas por seus ‘pais fundadores’, como Durkheim, Weber e Marx, cujas obras significaram contribuições seminais não só de modos distintos de interpretar

os fenômenos sociais, mas também de operar cientificamente com eles, por meio de métodos muito diferentes (Minayo, 2007).

3 Mas se nenhuma leitura do real é capaz de substituí-lo, é certo também que o *método pode determinar os fins*, ao menos quando se trata de pesquisa em Ciências Sociais. Dito de outra forma, a escolha do método de estudo de qualquer fenômeno social é um dos maiores determinantes da experiência que o pesquisador terá com ele, o que por sua vez, é (ou ao menos deveria ser) sua primeira evidência empírica, aquela que servirá como um dos principais substratos para o desenvolvimento de suas formulações finais.

4 Porém, segundo Becker (1999), "a metodologia é importante demais para ser deixada aos metodólogos" (p. 17). Em obra destinada a analisar problemas metodológicos sistematicamente ignorados na atualidade das Ciências Sociais, o autor demonstra, por meio de consistentes argumentos, que a metodologia convencional tem-se dedicado mais a apontar ao pesquisador "o que ele deveria estar fazendo e que tipos de métodos deveria estar usando" e menos ao exame "(...) dos métodos de fazer pesquisa sociológica, de analisar o que pode ser descoberto através delas e o grau de confiabilidade do conhecimento assim adquirido" (p. 17).

5 A partir destas preocupações, e tendo iniciado pesquisa de doutorado em Psicologia Social, voltamo-nos para a Antropologia para estudar mais detidamente o método etnográfico, que já havia significado rico veio em campo, em pesquisas desenvolvidas nos idos da graduação (Andrada, 2006) e do mestrado (Andrada, 2005)[1].

6 As experiências anteriores de pesquisa, portanto, já haviam demonstrado o quão promissor pode ser este encontro, qual seja, entre a Psicologia Social e o método etnográfico, quando adotados alguns cuidados importantes, dos quais trataremos a seguir. Justamente por apoiar-se na observação e na vivência prolongada "(...) da vida diária nos locais e contextos em que ela naturalmente acontece" (Sato & Souza, 2001, p. 30), a etnografia tem orientado inúmeros estudos e pesquisas nas Ciências Sociais a partir da década de 70 do século passado, alargando o campo talhado tradicionalmente pelos paradigmas metodológicos dominantes que orientam, por exemplo, a maior parte das pesquisas na psicologia experimental e na sociologia quantitativa (Rockwell, 1986).

7 Distante do aparente controle do artificialismo do laboratório ou das questões (e respostas) previamente 'prontas' dos*surveys*, como veremos, o método etnográfico pode revelar-se, no entanto, mais exigente com o pesquisador, que precisa se expor ao inusitado e ao diverso da vida cotidiana de modo prolongado, e ali, ao manejo de constantes negociações e re-planejamentos de sua trilha e rota de pesquisa.

8 Como objetivo deste ensaio, portanto, tomamos a exposição e o debate de algumas potencialidades e limites da utilização do método etnográfico em pesquisas qualitativas de Psicologia, mais precisamente, pesquisas em Psicologia Social.

Psicologia Social: 'ciência do hífen' ou 'campo híbrido, marginal e necessariamente interdisciplinar'

9 Para falar de um encontro, é de bom alvitre apresentar os envolvidos, menos para evitar o estranhamento; mais para inspirar a contemplação de questões que consideramos importantes sobre a natureza de cada um.

10 O lugar do qual partimos – Psicologia Social – também ajuda a configurar o que dizemos ou, passo atrás, como e o quê pensamos. Florestan Fernandes (1969 *apud* Tassara & Ardans, 2007), dedicado a sintetizar as diferentes posições acerca das fronteiras disciplinares entre a sociologia, a antropologia e a psicologia social, assim define esta última:

11 "A **psicologia social** constitui uma matéria híbrida situada num ponto de confluência da psicologia, da sociologia e da antropologia. Embora ela seja fundamental para cada uma destas ciências, a problemática específica da sociologia se define além e acima deste **campo híbrido, marginal e necessariamente interdisciplinar**" (Fernandes, 1969, p. XI, grifos nossos).

12 Assim como Tassara & Ardans (2007)[2], não consideramos pejorativa a afirmação acima e, embora datada na década de sessenta do século passado, segue vigorosa e atual, como veremos em seguida.

13 Arackcy Martins Rodrigues, referência importante para a Psicologia Social brasileira, no prefácio de seu livro "Operário, operária" (1978) referiu-se à sua condição 'fronteiriça' como psicóloga social, de modo tocante e preciso:

14 Se, por certos períodos, tendi para uma explicação intra-subjetiva do homem, se em outros, o peso da percepção das determinações sociais me levou praticamente a abdicar da Psicologia, como ocorreu com inúmeros estudiosos de Psicologia Social, procurei aqui um equilíbrio na busca de uma explicação interativa entre o homem e os processos sociais historicamente dados. Sei que enveredo por um caminho perigoso: tenho consciência do risco que representa, hoje, 'desenterrar' **a ponte indivíduo-sociedade [o 'hífen', como ela dizia]** que, por um acordo tácito, foi deixada de lado pelos cientistas sociais nas últimas décadas. Sei ainda que ocupo um **lugar de fronteira**, reivindicado por várias disciplinas. **Região vulnerável, alvo fácil para os estudiosos que ocupam espaços mais centrais [não-marginais]** nas áreas de Psicologia, Psicanálise, Sociologia e Antropologia. (Rodrigues, 1978, p. 15) [grifos e comentários nossos]

15 José Moura Gonçalves Filho também recorre à noção de 'fronteira' para situar o enfoque psicossocial:

16 Esta disciplina de fronteira, a Psicologia Social, caracteriza-se não pela consideração do indivíduo, pela focalização da subjetividade no homem separado, mas pela exigência de encontrar o homem na cidade, o homem no meio dos homens, a subjetividade como aparição singular, vertical, no campo intersubjetivo e horizontal das experiências. Não o homem separado, o indivíduo, mas sempre *um* homem: a subjetividade realizando-se intersubjetivamente, uma*revelação* [...]. Impossível tomar o rosto e a voz de um homem como expressões sob perfeito condicionamento. Os temas da Psicologia Social, justamente, incidem sobre problemas intermediários, difíceis de considerar apenas pelo lado do indivíduo ou apenas pelo lado da sociedade. (Gonçalves-Filho, 1998. p. 11)

17 Porém, se os trechos citados acima têm o poder de apresentar a tensão que funda, instaura e orienta a Psicologia Social – este olhar sobre o elo que une e constitui toda *pessoa no mundo* – é preciso fazer um alerta. Como as demais áreas das Ciências Sociais, também há aqui pluralidade e dissenso (Farr, 1998; Lane, 1994). Sequer podemos dizer que a vertente apresentada é hegemônica na Psicologia Social. Porém, neste momento isto é menos importante; cabe dizer apenas que é deste lugar que partimos e para onde retornamos constantemente em diálogo neste ensaio.

Psicologia Social e o Método Etnográfico: sobre afinidades e pontos de contato

18 A relação entre a Psicologia Social e o método etnográfico já foi muito discutida por autores como Gonçalves-Filho (2003) e Leny Sato e Marilene Proença de Souza (2001), por exemplo. Estas professoras e pesquisadoras, apoiadas em largas experiências de pesquisas de campo realizadas nesta interface, compuseram artigo específico sobre o tema, buscando:

19 [...] argumentar em favor da pertinência e da riqueza da abordagem etnográfica no âmbito dos estudos de problemas sobre os quais a psicologia tem se debruçado. Ou ainda, mais especificamente, como as pessoas coletivamente constroem e dinamizam os processos sociais, como a subjetividade se expressa, como as pessoas vêem e criam situações sociais em espaços que puderam ganhar uma organização formalmente constituída (regras, horários, atividades, papéis etc...) pela gerência (Sato & Souza, 2001, p. 30).

20 Passamos agora a sublinhar alguns *pontos de contato* entre esta Psicologia Social e a Antropologia, mais especificamente, com seu método etnográfico. Vale dizer, pontos de contato que têm amparo na própria história do desenvolvimento destas áreas, que há muito 'dialogam'. Portanto, não propomos ingenuamente se tratar de afinidades casuais, nem pretendemos tecer aqui considerações à guisa de 'descobertas' ou 'revelações'. E apesar de importantes, tampouco propomos falar das diferenças entre ambas.

21 Buscamos, isto sim, enfocar estes pontos de convergência e diálogo por meio do exame de dois eixos-temáticos, quais sejam, o descolamento que ambos enfoques teórico-metodológicos exigem na direção do 'outro' com o intuito de lê-lo na sua complexidade e então aproximá-lo ao paradigma de partida, e a importante consideração da própria pesquisa como 'um processo de convivência entre pessoas' (Sato & Souza, 2001).

Deslocamentos para o encontro com o outro: semelhanças e inspirações importantes

22 Como Arackcy Martins Rodrigues, José Moura Gonçalves-Filho e Leny Sato (2001; 2007), outras referências devem ser evocadas para falarmos do fazer psicossocial e tecer, em seguida, relações com o método etnográfico. As obras de Sylvia Leser de Mello (1988) e Ecléa Bosi (2001; 2003), por exemplo – seja na forma de relatos de pesquisas, aulas ou textos teóricos – também nos convidam a assumir uma peculiar re*orientação de corpo e espírito* na direção do outro, no ato de pesquisar. Esta exigência emerge da própria natureza de nosso 'objeto' e de um compromisso ético com o que pretendemos ter como fruto das práticas de pesquisa em Psicologia:

23 aponta a circunstância de nos vermos pessoalmente expostos ao fenômeno que se vai pensar. Indica a situação do cidadão e pesquisador que se deslocou para bem perto daqueles sobre quem o fenômeno cai ostensivamente,**deslocou-se em corpo e alma para bem perto daqueles em quem o fenômeno pega por dentro**. Esta imersão no campo do fenômeno como uma condição mesma para a mais objetiva revelação do fenômeno, **este**

convite à participação, devemos aos antropólogos contemporâneos (Gonçalves-Filho, 2003, p. 194). [grifos nossos]

24 Este trecho por si só nos remete ao recente contato que tivemos com a obra de José Guilherme C. Magnani, que desde a Antropologia Urbana, nos fala da necessidade de um olhar '*de perto e de dentro*', quando orientados pelo método etnográfico, em detrimento a enfoques 'de longe e de fora' (Magnani, 2002)[3].

25 Desde a Psicologia Social, Ecléa Bosi (2003) resgata de Jacques Loew a noção de *Comunidade de destino*, trabalhando-a com vigor. Para ela, trata-se de uma condição necessária para alcançar a compreensão plena de uma dada condição humana: "[...] significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados." (Bosi, 2001, p. 38). Para Gonçalves-Filho, *Comunidade de destino* "[...] pede muitos deslocamentos e pede sempre. Pede deslocamentos que dão em deslocamentos que culminam numa alteração de ponto de vista: uma alteração do ponto no mundo desde o qual nossa visão vai se abrir" (2003, p. 196-197). Mais uma ressalva faz-se necessária para evitar mal-entendidos: não se trata de aderir de modo irrefletido às opiniões do outro, mas de "alguma passagem para o lugar onde forma suas opiniões" e dali trocar ou compor com ele, desse 'lugar compartilhado'. (Gonçalves-Filho, 2003).

26 Sylvia Leser de Mello, por sua vez, que estudou as condições de vida de mulheres de um bairro da periferia de São Paulo (Mello, 1988), recebeu um comentário original de Paulo Freire (que apresenta seu livro), sobre a beleza de seu*método* de trabalho, também marca pessoal, vale dizer:

27 A boniteza de seu livro, porém, não está apenas no seu jeito gostoso de escrever [...] está igualmente na lealdade com a qual você lida com o discurso delas. Está em como você vai permitindo que o leitor acompanhe a sua coragem de ser simples e humilde nascendo, sendo partejada nas reuniões com as mulheres, nas suas idas e vindas à favela; na sua viagem a Minas [...] com rigor mas sem rigorismos. [...] Saber ouvir, respeitar o espaço do discurso do outro, da outra, é virtude ou qualidade nem sempre cultivada por nós. [...] Paulo Freire, abril de 1987. (Mello, 1988. p. 07)

28 A própria Profª. Sylvia Leser de Mello (2005) lamentou recentemente o fato de que "a maioria dos trabalhos acumula textos sobre textos, mostra que o pesquisador leu muito mas não abriu seus olhos, não abriu os ouvidos, não saboreou ou tocou com as mãos aquilo sobre o que escreve." Antes disso, ela dizia que "as palavras da ciência parecem duras e sem vida" quando comparadas à riqueza do que as pessoas nos falam diretamente, em campo. Mas para acessá-las, é preciso estar em boa condição de escuta, escuta que só é possível alcançar sem pressa, a partir dos deslocamentos materiais e simbólicos dos quais falamos anteriormente. Ela nos diz: "ouvir com inteligência e também com afeto"[4].

29 Como se vê, não se trata ainda de um método científico propriamente. Refiro-me, apoiada nestes autores, a certa postura psicossocial que também se inspira em práticas centrais da Antropologia. Significa, de algum modo, um giro de corpo e de alma na direção do 'outro', reconhecendo os imperativos da diferença e da distância, portanto, mas expondo-se inteiramente a ter com ele uma experiência largamente significativa, transformadora também para o pesquisador, capaz de engendrar novas compreensões sobre o que se quer conhecer.

30 Retornemos à Antropologia e à obra de Magnani:

31 a antropologia não se define por um objeto determinado: mais do que uma disciplina voltada para o estudo dos povos primitivos, ela é, como afirma Merleau-Ponty, 'a maneira

de pensar quando o objeto é o 'outro' e que exige nossa própria transformação'. (Magnani, 2002, p. 16).

32 É também Magnani quem se refere, em outra obra (2000), a este processo de acercamento e descoberta dos significados das 'experiências humanas', como parte daquilo que mais importa ao olhar antropológico:

33 o que mais importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, mas também a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. **O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova,** compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse 'natural', posto que se trata de sua cultura. (Magnani, 2000. p. 18) [grifos nossos]

34 Voltando às referências já citadas da Psicologia Social, temos que cada um a seu modo e a partir de temas específicos, nos inspiraram não só ao deslocamento para perto das pessoas e fenômenos que desejamos conhecer, mas para longa e demorada permanência junto deles, tanto quanto a experiência exigir. Parece-nos oportuno agora retornar a Gonçalves-Filho, referido em Merleau-Ponty, e ouvi-lo falar do trabalho dos etnólogos com admiração:

35 Os etnólogos, como nos disse Merleau-Ponty, conceberam a pesquisa como um trabalho que não é somente mental. Mediante longa residência em território indígena, conceberam a experiência etnológica como uma incessante prova de nós mesmos pelo outro e do outro por nós mesmos. Aprenderam a ver o que é nosso como se fôssemos estrangeiros, aprenderam a ver o que é estrangeiro como se fosse nosso. Aprenderam a deixar-se ensinar por uma outra cultura. Morando e demorando em aldeia Bororo ou Suruí, numa aldeia Yanomami ou num acampamento Guaiaqui, foram trazidos para uma nova posição do conhecimento. A posição de quem, por assim dizer, é devolvido a uma região selvagem de si mesmo, a região nunca perfeitamente abraçada por nossa própria cultura e por onde nos comunicamos com outras culturas (Merleau-Ponty, 1980 *apud* Gonçalves-Filho, 2003, p. 195)

36 No entanto, em revisão ao texto de Clifford Geertz (1999), *O saber local*, colhemos um alerta importante. Ele nos diz que "não é necessário ser um deles [nativo] para conhecer um", e que "ver as coisas do ponto de vista dos nativos" é algo "menos misterioso que colocar-se embaixo da pele do outro" (p. 88). É inevitável e de certo modo imprescindível, viver uma atitude de *estranhamento e/ou exterioridade*, como nos ensina Magnani (2002; 2009). De alguma forma, conforme Ecléa Bosi, "somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo da pesquisa" (Bosi, 2003, p. 61).

37 Um aspecto importante a destacar no tocante à experiência de estranhamento do 'outro', é o modo como o tomam e consideram, o olhar antropológico, de cunho etnográfico, e a Psicologia Social aqui apresentada. Clifford Geertz, em "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura" (1978), passa em revisão o cenário antropológico do seu tempo e propõe um novo enfoque para a área, uma teoria interpretativa da cultura, de fato, amparada fundamentalmente na etnografia. Em suas bases, encontra-se uma noção de cultura, semelhante à de Weber, essencialmente semiótica, como podemos notar no

trecho abaixo, que dialoga muito bem com os interesses da Psicologia Social, aquela que se ocupa de compreender o 'outro' em sua condição, e não em inseri-lo em estruturas pré-estabelecidas, 'etnocêntricas', padrões como o normal e o patológico:

38 O homem é um animal amarrado a teias que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias; e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (Geertz, 1978. p. 15)

39 Elsie Rockwell (1986) também trata deste olhar antropológico a partir de uma revisão das tensões entre esta área e a sociologia, aliás, tarefa também abraçada por Delamont (2005). Neste exame, a autora aponta igualmente para a necessidade de resguardar os fenômenos estudados de leituras que enquadram a diferença em categorias como anormalidade ou desvio, eximindo-se da tarefa de conservar suas complexidades e ordens locais:

40 A etnografia proporcionou uma volta à observação da interação social em situações 'naturais', um acesso a fenômenos não-documentados e difíceis de serem incorporados às exigências do levantamento e do laboratório. Os antropólogos exprimiam um empenho em contextualizar e conservar a complexidade dos processos sociais, bem como uma tendência para encontrar ordem onde outras disciplinas só viam anormalidade e desvio, e uma sensibilidade para com a linguagem e as concepções dos sujeitos estudados (Rockwell, 1986, p.38).

41 Uma noção interessante a ser retomada aqui é a de *atenção*, essa modalidade de percepção dedicada ao outro, sem destituir-se de si – o que a rigor seria impossível - mas com abertura perceptiva o suficiente para deixar vir o espanto, a comoção, a angústia, o desalento, e outros tantos estados de afeto que uma experiência nova pode disparar (Fravret-Saada, 2005); tudo isso antes que se interponham as já cristalizadas representações presentes na consciência do pesquisador, fruto de outros tempos e paragens, de outras vivências no (seu) mundo.

42 Diversos antropólogos como Peirano (1995) também fazem alusão a uma modalidade de atenção, "uma atenção viva" que, acompanhada de uma presença continuada em campo, pode conduzir às tais "sacadas" na pesquisa etnográfica.

43 Ecléa Bosi (2003) recorre a Walter Benjamin e Simone Weil para trabalhar esta noção dentro da Psicologia Social:

44 O que seria atenção para Simone Weil? 'O método para compreender os fenômenos seria não tentar interpretá-los [**no sentido psicopatológico**], mas olhá-los até que jorre a luz. Em geral, método de exercer a inteligência que consiste em olhar [...] A condição é que a atenção seja um olhar e não um apego'. Trata-se nessa inteligência voltada para o bem de uma percepção nova (Bosi, 2003. p. 210). [comentários nossos]

45 Mais adiante, ela complementa a apresentação sobre a *atenção*, como algo que "[...] traz consigo uma 'liberdade para o objeto, como se ela cortasse as peias que nos prendem a nós mesmos" (Bosi, 2003. p. 210).

46 Ainda que trate deste fenômeno por ângulos sutilmente distintos, antropológicos, Magnani também faz alusão à influência da cultura de origem do pesquisador e "dos esquemas conceituais de que está armado" (2002, p. 16). No entanto, nos chama a atenção para a impossibilidade de descarte deste 'aparato simbólico' e, antes disso, enuncia que é justamente essa *copresença,* "[...] a atenção em ambas é que acaba provocando a ambiguidade, a possibilidade de uma solução não prevista, um olhar descentrado, uma saída inesperada" (Magnani, 2002. p. 16).

47 Considerando estes aportes, e em companhia de outros autores de ambas as áreas (Psicologia Social e Antropologia), tão fundamental como deslocar-e na direção do outro, em campo, e ali "demorar-se", é *retornar,* empreender o caminho de volta ao campo referencial e conceitual do pesquisador, em busca de algumas formulações mais gerais que a experiência vivida em campo. Em termos de Rockwell (1987):

48 En la antropologia la posibilidad de llegar a esa formulación más general se da sobre todo cuando se hay comprendido 'lo particular' del caso estudiado, generalmente com procedimientos de contrastación o comparación que llevan a profundizar en cada caso. El camino 'hacia adentro' lleva a tener cierta 'fuerza deductiva', es decir, relaciones no solo historicamente reales sino logicamente necesarias. Esto no quiere decir que tales relaciones existan en todos lados, sino solo que han sido formuladas de tal manera que es posible 'ver' si existen o no en otros casos particulares (Lévi-Strauss) (Rockwell, 1987, p.32).

49 Trata-se do chamado pressuposto da totalidade, que exige ver a experiência de campo em "múltiplos planos e escalas" (Magnani, 2009):ex

50 Assim, uma **totalidade** consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em termos categoriais: se para aqueles constitui o contexto da experiência diária, para o segundo pode também se transformar em chave e condição de inteligibilidade. (Magnani, 2009.p. 138)

51 Este "jogo de lentes" (perto e longe) já tão descrito por notáveis antropólogos (Geertz, 1999; Peirano, 1995), também é tema de debate na Psicologia Social. Leny Sato e Marilene Proença de Souza (2001) consideram que "[...] o local e o particular são espaços possíveis para desenvolver o trabalho empírico, no qual processos mais gerais podem ser descritos e compreendidos, bem como conceitos e teorias podem ser construídos" (p. 31).

52 Elsie Rockwell (1986), referência importante para pesquisas de abordagem etnográfica especialmente no campo da educação, também trata desta questão. Segundo ela, "a etnografia propõe-se a conservar a complexidade do fenômeno social e a riqueza de seu contexto peculiar. Por isso, a comunidade, a escola, ou, quando muito, o bairro e a microrregião são o universo natural da pesquisa etnográfica" (p. 45).

53 Porém, para a autora, não só é possível como primordial que um estudo etnográfico leve em conta o contexto histórico e social em que se encontra e no qual se desenvolveu dada escola e comunidade. Para isso, salienta que é importante alinhavar a perspectiva teórico-metodológica da etnografia a uma teoria social "na qual a definição de 'sociedade' não seja arbitrária e aplicável a qualquer escala da realidade (sala de aula, escola, mundo etc.). Seria preciso reconhecer os processos educacionais como parte integrante de formações sociais historicamente determinadas" (Rockwell, 1986, p. 45-46).

Pesquisa como "processo de convivência entre pessoas"[5]

54 Retornando o foco para o t*rabalho de campo* propriamente, encontramos outro *ponto de contato* interessante entre a Psicologia Social e a Antropologia, por meio de seu método etnográfico. Refiro-me ao tema das relações em campo entre 'pesquisador' e 'nativos' ou

'pesquisados' e aos processos de negociação e constantes revisões protagonizados pelas pessoas envolvidas em toda prática de pesquisa.

55 Por certo muito já se escreveu sobre o tema no cerne da Antropologia, como também no interior da Psicologia Social. Escrevem Leny Sato e Marilene Proença de Souza a esse respeito:

56 Ao optarmos por uma abordagem etnográfica, optamos por nos inserir num local com pretensões de pesquisa, onde somos os pesquisadores e as pessoas do local o 'objeto' a ser pesquisado. Porém, esse é um ponto de vista nosso, pois há outros – o das pessoas do local – para os quais nós também nos constituímos em objeto de pesquisa e isso tem implicações para o 'estar no campo' e para a condução a ser adotada nessa relação entre pessoas (Sato & Souza, 2001. p. 35).

57 Considerar que no cotidiano de toda relação interpessoal ocorre certa 'prática de pesquisa' entre as pessoas envolvidas coloca-se aqui como uma questão importante na medida em que:

58 essa atitude investigativa das pessoas do local em relação ao pesquisador o insere numa relação na qual a assimetria é menor do que ele eventualmente possa imaginar. [...] Essa assimetria no relacionamento deixa de ser motivo de surpresa quando vemos **a pesquisa de campo como um processo de convivência entre pessoas** (Sato e Souza, 2001. p. 36) [grifos nossos].

59 Elsie Rockwell (1987) coaduna com a afirmação acima e sustenta que não há normas rígidas do ponto de vista metodológico acerca do 'proceder' em campo numa pesquisa de perspectiva etnográfica:

60 Lo que de hecho se hace en el campo depende del objeto que se construye; depende de la interacción que se busca con la realidad; depende, en parte, de lo que ponen los otros sujetos com quienes se interactúa. La interacción etnográfica, en el campo, por ser social, en cierta medida está fuera de nuestro control. (Rockwell, 1987, p. 07)

61 Para Sato & Souza (2001), de fato não são apenas as técnicas e rigores metodológicos que assegurarão a qualidade da pesquisa, mas também a própria qualidade das relações estabelecidas entre o pesquisador e as pessoas do local pesquisado (Sato & Souza, 2001).

62 Ecléa Bosi (2003) parece apontar para a mesma direção dizendo-nos que as relações em questão não devem ser tomadas como efêmeras, já que envolvem certa responsabilidade com o outro, e que ambos "participarão de uma aventura comum" (p. 61). Nesta mesma passagem de sua obra, a autora refere-se novamente ao trabalho dos*etnólogos*:

63 Para empreendermos tal aventura, útil é nos munirmos como os etnólogos de um diário de campo, onde iremos registrando dúvidas e dificuldades. Nossas falhas, longe de serem um entrave, irão, se compreendidas, aplainar o caminho dos estudiosos que nos agradecerão por tê-las apontado (Bosi, 2003. p. 61).

64 Apontar e analisar com cuidado as falhas, dificuldades e angústias ocasionadas pelas experiências em campo, nas relações com os sujeitos da situação pesquisada, nos parece relevante por se tratar de fatos vividos e construídos no contexto daquilo que se quer conhecer, e que portanto, podem ter muito a dizer sobre nosso 'objeto' (Chataway, 2001; Delamont, 2005).

65 Para além de certa lealdade com o processo histórico da pesquisa, entendemos que estes apontamentos também podem propiciar o exame de questões aparentemente corriqueiras, impasses ou conflitos desvelados como sinais do encontro entre diferentes

olhares e interesses ("pesquisador' e "pesquisados"), que talvez passassem despercebidos por uma análise focada apenas em aspectos técnicos ou teóricos mais gerais.

66 No início de nossa experiência de campo de uma pesquisa de mestrado em Psicologia Social, interessada nas repercussões psicossociais da experiência de um trabalho autogerido, fomos obrigados a nos dedicar muito à compreensão de impasses e dificuldades surgidos nos primeiros contatos com as trabalhadoras de uma Cooperativa de Costura, a Univens (Andrada, 2009). Tais situações foram narradas e analisadas em um primeiro momento de modo bastante exaustivo no Diário de Campo.

67 Este recurso acabou revelando-se muito valioso para conferir uma primeira organização àquelas vivências, uma organização à guisa de narrativa que precisava ao mesmo tempo ser fiel ao ocorrido, mas também permitir a um leitor externo, interessado nos frutos daquela investigação, compreender a situação. Transpor ao Diário de Campo nossas aflições com as iniciais resistências e exigências das trabalhadoras na relação conosco também foi fundamental para nos manter junto ao eixo dos objetivos da pesquisa em si, à sua finalidade maior.

68 Optamos por transpor, a seguir, um longo trecho da dissertação (Andrada, 2005) com o intuito de ilustrar, com um relato proveniente diretamente 'do campo', este processo de negociação pesquisador-comunidade pesquisada, tema tão bem trabalhado por diversos autores tanto da Antropologia quanto da Psicologia Social, como Sato & Souza (2001):

69 Pode-se dizer muito a respeito dos primeiros momentos e de toda a experiência de fazer pesquisa com estas mulheres[6], menos que se tratou de relação fácil ou fluida, própria dos encontros pautados pela aceitação incondicional do forasteiro que chega e que de imediato é acolhido. Não, foi necessária uma conquista trabalhosa do direito de estar ali. Agora, ao tratar dos primeiros momentos com este grupo, é possível afirmar que significaram marcos importantes para o desenrolar da pesquisa.

70 Como veremos a seguir, a maneira singular com que fui tratada e recebida [**com exigência**] pelas cooperadas da Univens, em conjunto com outros fenômenos, exigiu uma reorientação da questão principal deste trabalho. E mais, este modo próprio de se relacionar com "o mundo" – com as pessoas que delas se aproximam, bem como com os demais temas do cotidiano – parece apontar para condições psicossociais peculiares, possíveis *repercussões* da experiência de autogestão por elas vivida e construída. Ou seja, a partir da maneira como as cooperadas da Univens se relacionaram comigo, elas estavam expressando, sem que eu soubesse, o que eu gostaria que revelassem: possíveis traços desenvolvidos por meio da vivência da autogestão. [...]

71 portanto, contarei assim, em primeira pessoa, a história do meu encontro com essas mulheres, e como o processo de 'entrada a campo' foi se transformando paulatinamente em uma relação de confiança e de respeito entre pessoas.

72 De início, enquanto ia tomando contato e sendo afetada pelo campo psicossocial em que vivem e trabalham as cooperadas da Univens, não foi possível alcançar, com segurança, os sentidos que aqueles fenômenos e práticas assumiam naquele contexto singular. Como veremos, foi necessário manter a angústia da dúvida e do desconhecimento por certo tempo, até colher elementos que permitissem compreender minimamente tudo aquilo, de um modo que fosse coerente e fiel à experiência daquelas pessoas, naquele campo.

73 Esta dificuldade inicial, própria dos trabalhos etnográficos, me fez lembrar dos comentários de Geertz e de Ryle sobre "descrição densa" (Geertz, 1978. p. 15)[7]. Para Geertz, o que define o empreendimento etnográfico não são suas técnicas ou

instrumentos propriamente, mas o tipo de esforço intelectual que ele representa, ao se propor construir uma descrição densa do campo em estudo, em contraposição ao que Ryle chamou de "descrição superficial." Ryle apresenta e discute estes modos de descrição e seus diferentes efeitos interpretativos, em um ensaio, tomando de exemplo a clássica cena das "piscadelas dos três meninos."

74 Diferentemente de Ryle, que observava à distância as piscadelas dos meninos, tentando alcançar os diferentes sentidos que eles conferiam a elas, eu havia penetrado no campo de ação das cooperadas da Univens, por força das circunstâncias desta pesquisa. Elas, naturalmente, passaram a exigir de mim – como fazem com quem quer que se aproxime delas – a compreensão do significado de suas "piscadelas", melhor dizendo, das maneiras como elas se relacionam com "o mundo".

75 Os próprios indícios de repercussões da vivência da autogestão, apontados ao longo deste capítulo, aparecem sob a forma de "piscadelas", uma vez que seus significados somente mais tarde logramos construir. Passados estes primeiros contatos, por exemplo, tornou-se evidente que elas buscam a autogestão não apenas na égide do trabalho, mas em todas as relações com o mundo social, recusando-se a sofrer passivamente qualquer intervenção alheia.

76 Assim, o que estas cooperadas de certa forma exigiram, e que nos propusemos a fazer – tarefa ousada – é uma "descrição psicossocial densa" do contexto em que a Univens acontece. Mais que apenas relatar os acontecimentos encontrados e vividos no campo, ocupamo-nos de construir o significado que cada movimento e reação das cooperadas na relação comigo queriam dizer, buscando seus sentidos autóctones, mesmo cientes das dificuldades ou limites desta empreitada (Cardoso de Oliveira, 2000)[8].

77 **Durante todo o processo da pesquisa teimamos, cooperadas e eu, na tarefa de conciliar nossas diferenças**. Elas apresentaram exigências e limites, e de minha parte, contava com certas condições e necessidades como pesquisadora. **O encontro desses diferentes, reunidos a partir da atividade comum da pesquisa, pareceuconfigurar um franco processo de negociação, afinal, como nos diz Leny Sato, "*pesquisar é negociar*"** (Comunicação pessoal). [...]

78 Como quem entra numa pista de dança de posse de muitas horas de estudos teóricos, no caso, sobre "os passos de uma boa pesquisa", fui sendo conduzida, braço estranho nas costas, e sob as próprias pernas trêmulas, a dançar uma dança desconhecida, imprevista. Em uma de nossas reuniões de orientação, Leny Sato me disse: "*elas te deram vários bailes*". E é fato. Neste corpo a corpo, tive que ceder e aprender a me movimentar confiando em quem me conduzia, no caso, as costureiras da Univens. Era hora de dançar sem livros ou passos ensaiados. Tropecei, recomecei diversas vezes, quase desisti. Mas voltava a tentar compreender os movimentos do outro corpo, aquelas dicas ora sutis, ora zangadas, recusas e chamados. (Andrada, 2005, pp. 34-37). [grifos nossos]

79 Como vimos, a negociação entre pesquisador e comunidade pesquisada sempre se dá, mais ou menos revelada ou legitimada, durante todo o desenvolvimento da pesquisa, embora seja mais intenso em seu início (Sato & Souza, 2001). Quando assumida como um imperativo de toda relação social, permite a condução deste processo de modo mais fluido e inclusive, como sugere Chataway (2001), possibilita uma maior participação das pessoas da situação pesquisada que, afinal e a rigor, também são co-autores da investigação, a seu modo e dentro de certos limites.

80 Ainda sobre o tema da relação "pesquisador-pesquisados", Rockwell (1987) alerta para a importância de uma entre as poucas exigências do método etnográfico: "(...) *no se vale negar la presencia de uno* [**o pesquisador**] *en el lugar, com todo lo que uno lleva ahí. El uno que está ahí en ese momento, con lo que le genera – interpretaciones, sensaciones, angustias – el hecho de estar ahí*" (Rockwell, 1987, p. 08) [comentário nosso].

81 Mas como saber o que deve ou não ser descrito destas experiências tão caras como íntimas travadas no seio da relação entre as pessoas envolvidas com a pesquisa? servimo-nos novamente da obra de Elsie Rockwell (1987), que vem nos auxiliar a encontrar um oriente suficientemente claro para operar estes recortes:

82 Que tanto de eso (lo propio de uno) escribir? Lo que se pueda. Lo que sea pertinente. Lo que sea publicable. [...] Pero si bien estas miradas hacia uno mismo son parte integral y bien documentada del trabajo de campo antropológico, así como lo son los efectos de espejo, de 'vernos en el otro', este trabajo tiene otro fin: conocer el desconocido, documentar lo no documentado, escuchar y ver al 'otro'. Esto nos ha llevado a asumir una posición en la etnografia distintas de las tradiciones más 'ombliguistas': nos planteamos el compromiso de elaborar una documentación del trabajo de campo que fuera pública y no privada [...] con la intención de colectivizar el proceso de construcción del conocimiento, de socializarlo con el uso de registros de campo inteligibles para otros del equipo. (Rockwell, 1987, p. 08).

83 Por fim, como já destacamos, não há no método etnográfico protocolos e instrumentos rígidos de pesquisa, capazes de dirigir não só as palavras como também as atitudes do pesquisador em campo – o que, aliás, podem acabar por determinar e padronizar também os 'resultados'. Mas é precisamente aí, nesta aparente 'liberdade anárquica', que reside um dos maiores desafios (ou armadilhas) do método etnográfico:

84 E, parece-nos, justamente por não prover o pesquisador desses instrumentos, é que dele requer maior disciplina e maior rigor, até porque, nessa orientação metodológica, não temos como recortar os dados previamente. Ela se apresenta em sua totalidade, mostrando situações e acontecimentos que, ao menos a princípio, parecem nada estar relacionados com nossos objetivos e nosso projeto. (Sato & Souza, 2001. p. 40)

85 Justamente por isso, por essa exigência peculiar que o próprio método etnográfico encerra, que é sumamente importante que o pesquisador esteja atento a si mesmo, "[...] uma vez que é a sua relação com as pessoas do local e dele com as teorias e hipóteses que gerarão os achados. Ou seja, é preciso que continuamente estejamos nos perguntando: o que estamos fazendo?" (Sato & Souza, 2001. p. 40).

Considerações Finais

86 A tarefa que nos propusemos neste ensaio – analisar alguns 'pontos de contato' entre a Psicologia Social e o método etnográfico – encerra-se temporariamente aqui. Sabemos que outras questões igualmente pertinentes à discussão poderiam ter sido apontadas, como também poderíamos ter desenvolvido ainda mais aquelas com as quais escolhemos trabalhar. Portanto, trata-se de um desfecho temporário, e decerto, sem formulações conclusivas.

87 Entendemos que a análise dos eixos temáticos escolhidos permitiu antever as sensíveis semelhanças entre os objetivos e pressupostos que orientam as experiências etnográficas desenvolvidas em sua área de origem, a Antropologia, e aquelas praticadas por

pesquisadores da Psicologia Social interessados em conhecer 'o outro'; o 'outro' como diferença peculiar que reside em uma realidade desconhecida, sem para isso quebrá-la em análises que dilaceram sua complexidade inerente, o que acaba por desvendar mais a incapacidade interpretativa do pesquisador do que qualquer outra coisa.

88 Como vimos, tanto os enfoques teórico-metodólogicos da etnografia quanto da Psicologia Social aqui tratada, almejam construir leituras, interpretar fenômenos e processos (no sentido proposto por Geertz, 1978) que não estão 'prontos' para serem colhidos, noção que orienta a idéia de 'dados' como resultados das práticas de pesquisa, mas que precisam ser construídos na relação estabelecida entre as pessoas envolvidas com a empreitada da pesquisa (Sato & Souza, 2001).

89 Finalizamos em companhia de Geertz, quem nos diz que para isso é preciso, pois:

90 Situar-nos – negócio enervante que é só bem-sucedido apenas parcialmente – eis o que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. [...] O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente" (Geertz, 1978, pp. 23-24).

BIBLIOGRAPHY

ANDRADA, C. F. (2005) *O encontro da política com o trabalho: história e repercussões da experiência de autogestão das cooperadas da UNIVENS*. São Paulo, 2005. 267p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

______. (2009) *O encontro da política com o trabalho: um estudo psicossocial sobre a autogestão das trabalhadoras da Univens*. Porto Alegre: ABRAPSO SUL.

______. (2006) Onde a autogestão acontece: revelações a partir do cotidiano. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. 9 (1): 1-14.

BECKER, H. (1999) *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.

BOSI, E. (2001) *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

______. (2003) *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

CHATAWAY, C. J. (2001) Negotiating the Observer-observed relationship: participatory action research. In Tolman, D & Brydon-Miller, M. (Orgs) *From subjects to subjectivities – a handbook of interpretative and participatory methods*. USA: New York University Press (p. 239-255).

DELAMONT, S. (2005) Ethnography and participant observation. In Seale, C.; Gobo, G.; Gubrium, J.F. & Silverman, D. (Orgs). *Qualitative Research Practice*. Reprint, U.K., Sage. Cap. 14.

FARR, R. M. (1998) *As raízes da Psicologia Social Moderna (1872-1954).* Petrópolis: Vozes.

FRAVRET-SAADA (2005) "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, n. 13, (p. 155-161).

GEERTZ, C. (1999) *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.

GONÇALVES FILHO, J. M. (1998). Humilhação social - um problema político em psicologia. *Psicologia USP* [online]. vol.9, n.2, (p. 11-67). ISSN 0103-6564. doi: 10.1590/S0103-65641998000200002.

______. (2003) Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. *In*: Bock, A. M. M. (Org.) Psicologia e Compromisso Social. São Paulo: Cortez. (p. 193-239)

LANE, S. T. M. (1994) *A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In* Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.) Psicologia Social: o homem em movimento. (p. 10-19) São Paulo: Brasiliense.

MAGNANI, J. G. C. (2000) *Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole. In*: MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L. L. (Orgs.) Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP. (p. 12-53).

______. (2002) De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, junho-2002, 49 (17), (p. 11-29).

______. (2009) Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul-dez 2009. (p. 129-156).

MELLO, S. L. (1988) *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática.

MINAYO, M. C. S. (2007) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.*

PEIRANO, M. (1995) *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Darumá.

ROCKWELL, E. (1986) Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In J. Ezpeleta & E. Rockwell (Orgs.) *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez.

___________ (1987) *Reflexiones sobre el proceso etnográfico (1982-85)*. México: Centro de Investigación y Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional. Mimeografado.

RODRIGUES, A. M. (1978) *Operário, operária – Estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*. São Paulo: Símbolo.

SATO, L. (2007). Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia e Sociedade* [online]. 2007, vol.19, n.spe, (p.95-102). ISSN 0102-7182. doi: 10.1590/S0102-71822007000400013.

SATO, L.; & SOUZA, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12 (2), (p.29-47).

Souza, A. R. (2000). Um instantâneo da economia solidária no Brasil. In Singer, P., SOUZA, A. (Orgs.), *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego* (p. 7-10). São Paulo: Contexto.

TASSARA, E.T.O.; ARDANS, O. (2007). A Relação entre Ideologia e Crítica nas Políticas Públicas: Reflexões a partir da Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, dez. 2007, 14 (7) ISSN 1519-549X.

Weil, S. (1996). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

NOTES

1. As pesquisas mencionadas contaram com a generosa orientação da Prof[a]. Dra. Leny Sato (IP-USP), que estuda há anos a abordagem etnográfica em interface com a chamada Psicologia Social do Trabalho.

2. Estes autores apontam vários sentidos que podem sustentar os termos empregados por Florestan Fernandes na citação referida. Primordialmente, o caráter híbrido do campo psicossocial é compreendido por eles como derivado da própria diversidade de sociedades, de culturas, de valores, de modos de vida etc. que informam o objeto da Psicologia Social. Já o termo 'marginal' alude à posição que este objeto ocupa no campo das ciências humanas: "[...] nos interstícios disciplinares (margens) e nas fronteiras dos conhecimentos por elas alcançados; margens estas que são compartilhadas, nas suas interfaces, com outros posicionamentos disciplinares, e que se situam na vanguarda da produção do conhecimento nos domínios da sociologia, da antropologia e da psicologia e, indo além da posição de Fernandes (1969), da psicanálise, constituindo-se de forma original e autônoma deles" (Tassara & Ardans, 2007, p. 06).

3. Magnani também aponta a necessidade posterior de 'afastar a lupa' para alcançar um ponto de vista mais alargado e assim complementar a perspectiva do estudo empreendido. Deste 'jogo de lentes', necessário para um bom rendimento de toda prática de pesquisa, na qual operamos com a 'teleobjetiva' mas também com a 'grande-angular', falaremos logo adiante.

4. As citações de falas da Profa. Sylvia Leser de Mello baseiam-se em Comunicação Pessoal (17 de junho de 2005), por ocasião da defesa de minha dissertação de mestrado (Andrada, 2005). Também compõe texto de sua autoria presente no livro resultado da pesquisa em questão (Andrada, 2009).

5. Sato & Souza, 2001.

6. Apesar de contar à época com dois cooperados entre seus vinte e dois sócios, a UNIVENS é e sempre foi formada majoritariamente por mulheres. Justamente por isso, optamos por referir-nos a seus cooperados sempre a partir do gênero feminino.

7. GEERTZ, C. (1978) A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar.

8. CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (2000). O trabalho do antropólogo. São Paulo: UNESP.

ABSTRACTS

Este ensaio tem como objetivo tecer considerações sobre alguns aportes importantes que a Antropologia, mais especificamente seu método etnográfico, historicamente tem conferido à Psicologia Social. Para isso elegemos destacar 'pontos de contato' entre as premissas e os objetivos destes enfoques – o etnográfico e o psicossocial – e discutir alguns limites e potencialidades da utilização do primeiro em pesquisas qualitativas de orientação psicossocial. Ao final, apresentamos a título de exemplo deste diálogo trechos de dissertação de mestrado que se alimentou muito desta aproximação, brevemente discutida a seguir.

INDEX

Palavras-chave: psicologia social, pesquisa qualitativa, método etnográfico